

NOTA SOBRE TRÊS PONTAS-DE-PROJÉTIL PROVENIENTES DA BACIA DO RIO XINGU (PARÁ, BRASIL)

Marcos P. Magalhães¹

RESUMO – Esta nota trata da descrição e da classificação de três pontas-de-projétil líticas, muito semelhantes entre si, porém encontradas em épocas e situações diferentes, que compartilham as mesmas técnicas de confecção. A primeira delas refere-se a uma lâmina triangular, de pedúnculo contrátil, aletas côncavas e base reta, encontrada no garimpo Castelo dos Sonhos em Altamira, à margem esquerda do Xingu. A segunda trata-se de outra lâmina triangular coletada em 1896 por Henri Coudreau, segundo o qual teria sido encontrada pelos índios Juruna na Carreira Comprida (?). Porém não há referência de que a ponta teria sido produzida por eles. A lâmina também tem base reta, pedúnculo contrátil, mas as aletas são apenas suavemente côncavas. A terceira, de procedência desconhecida, assemelha-se bastante a essa última, mas diferencia-se no tamanho e na matéria-prima. Todas procedentes da Amazônia Brasileira, essas pontas-de-projétil, que apresentam características bem distintas daquelas contextualizadas e já descritas (especialmente no que se refere ao tamanho e a forma), abrem um outro horizonte na história da ocupação humana na Amazônia brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Caçadores-coletores, Pré-história da Amazônia, Arqueologia brasileira.

ABSTRACT – This note focuses on the description and classification of three very similar lithic projectile points, however found out at different places and situations, but sharing the same manufacture techniques. The first one refers to a triangular point, with contractile peduncle, concave fins and plane base, found at the Castelo dos Sonhos gold mine at Altamira, left bank of the Xingu River. The second one is another triangular point collected in 1896 by Henri Coudreau,

¹ MCT/Museu Paraense Emílio Goeldi. Coordenação de Ciências Humanas/Arqueologia. Pesquisador. C.P. 399. Cep 66040-170, Belém-PA. mpm@museu-goeldi.br

who states that it was found by Juruna Indians at Carreira Comprida (?). The triangular point, has also plane base, contractile peduncle, but the fins are smoothly concave. The third one, which has unknown provenance, is very much similar to the previous one, but with different size and raw-material. These projectile points show very different characteristics from those contextualized and described nowadays (specially in relation to size and shape), providing a new horizon on the history of human occupation of the Brazilian Amazon.

KEY WORDS: Hunter-gatherers, Pre-History of the Amazon, Brazilian archaeology.

INTRODUÇÃO

Em janeiro de 1976, Mário Ferreira Simões lançou um Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, no qual publicou uma nota sobre duas pontas-de-projétil encontradas “acidentalmente” na bacia do Tapajós (Simões 1976). Essas duas pontas, provenientes de locais e de datas diferentes, apresentam características e matéria-prima também diferentes. Uma é de quartzo, foi achada nas areias da margem esquerda do médio Tapajós em 1958 e apresenta pedúnculo contrátil triangular e base convexa; retoque bifacial com cicatrizes expandidas; bordos laterais com cicatrizes expandidas em padrão contínuo e pedúnculo com retoque em bisel. Já a segunda, feita de silex, foi encontrada em depósito aluvional de um garimpo de cassiterita, então localizado nas cabeceiras do igarapé Tucano, margem direita do médio Tapajós, em 1966. Além da diferença na matéria-prima, esta apresenta pedúnculo contrátil trapezoidal e base côncava; retoque bifacial e bilateral, com cicatrizes conchoidais em padrão contínuo e pedúnculo com retoque convergente nos lados e base.

Estas pontas-de-projétil levantaram a hipótese da “possibilidade de ter sido a Amazônia Brasileira ocupada ou percorrida por antigos grupos pré-cerâmicos...” Esta hipótese só foi confirmada bem mais tarde pelos achados de Miller em Rondônia (1992) e, posteriormente, quando

em 1986 a gruta do Gavião foi descoberta em Carajás, por Daniel Lopes e equipe (1989). Neste sítio foi encontrado uma grande quantidade de material lítico lascado, cuja matéria-prima básica era o quartzo. A datação máxima relacionada à ocupação humana da gruta do Gavião alcançou 8.000 AP. E o aparato tecnológico identificado, especialmente relacionado com a produção dos artefatos líticos e suas funções, indicaram tratar-se de fato, de antigos caçadores-coletores. Porém, a técnica bipolar, bastante rudimentar utilizada na confecção das peças, extremamente funcionais e sem acabamento estético, não permitiu qualquer relação com as pontas ou mesmo com a ponta-de-projétil de quartzo já conhecida e depositadas na Reserva Técnica do Museu Paraense Emílio Goeldi.

No que se refere à importância de tais achados, inclusive dos sítios localizados em Carajás (Magalhães 1994) e em Pedra Pintada (Roosevelt et al. 1996), os estudos referentes aos caçadores-coletores da Amazônia não evoluíram muito. Somente Carajás avançou, apresentando estudos referentes ao uso do espaço, à organização social, à exploração de recursos naturais e à cultura material lítica, encontrados em um conjunto de sítios localizados numa mesma região. Demais estudos restringiram-se às ocorrências em determinados sítios, mas desarticulados entre si. Por conta disto, ainda que o conhecimento sobre a presença de caçadores-coletores na Amazônia tenha saído da “estaca zero”, peças encontradas isoladamente e que apresentam singularidades técnicas ou estilísticas, continuam tendo fundamental importância, já que apontam direções ainda não exploradas pela arqueologia.

Este é o caso das peças que serão apresentadas nesta pequena nota. Elas representam aspectos da arqueologia da Amazônia que ainda precisam ser investigados com mais profundidade: a presença de caçadores-coletores na floresta tropical; seus modos de exploração dos recursos naturais; suas culturas e suas organizações sociais; além, é claro, de outras questões que ainda podem ser formuladas. Evidentemente, por representarem peças coletadas assistemática e

aleatoriamente, as mesmas não trazem consigo qualquer possibilidade de contextualização. De modo que é difícil afirmarmos, com certeza, a origem cultural das mesmas e sempre será um risco identificarmos-lhes como o resultado das práticas de um determinado tipo ou grau de organização social. Porém, indiretamente, existem indícios que nos apoiam e será com base neles que afirmaremos a grande probabilidade dessas peças, de fato, terem sido produzidas por antigos caçadores-coletores de floresta tropical, que teriam vivido na Amazônia há milhares de anos atrás.

DESCRIÇÃO DAS PEÇAS

1) Ponta-de-projétil penduncular de silex (Figura 1)

Lâmina triangular simétrica; bordos laterais levemente convexos e com serrilhas desgastadas; aletas retas, secção longitudinal biconvexa assimétrica; secção transversal biconvexa simétrica; pedúnculo expandido quadrado e base reta. Retoque bifacial de cicatrizes conchoidais amplas; bordos laterais com retoque bifacial e bilateral, com cicatrizes conchoidais em padrão descontínuo; pedúnculo com retoque nos lados e na base.

Medidas:

Comprimento axial:	93,78 mm
Comprimento da lâmina	79,20 mm
Comprimento do pedúnculo	11,09 mm
Largura máxima	37,60 mm
Largura da base	11,20 mm
Espessura máxima	3,05 mm
Ângulo da ponta	50°
Peso	36g

Procedência: desconhecida

Nº de registro: MPEG-Arqueol. 2836.

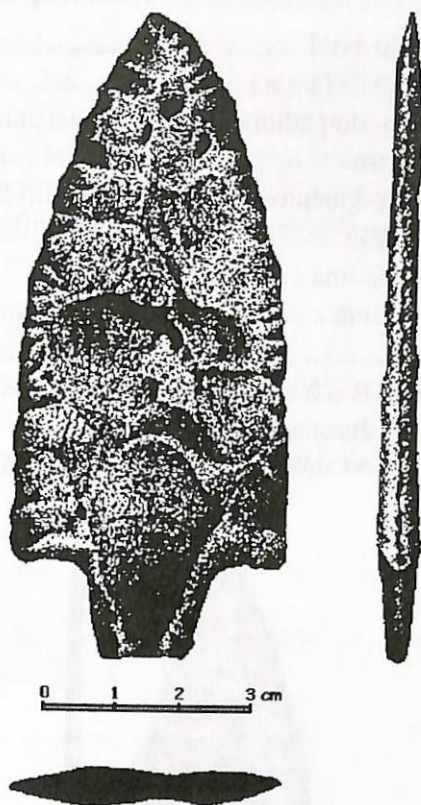


Figura 1 - Ponta de Projétil de Silex, de origem desconhecida (acervo da Reserva Técnica de Arqueologia/MPEG).

2) Ponta-de-projétil penduncular de rocha vulcânica ácida (Figura 2).

Lâmina triangular simétrica; bordos laterais levemente convexos e com serrilhas largas; aletas retas, secção longitudinal biconvexa assimétrica; secção transversal biconvexa simétrica; pedúnculo expandido quadrado e base reta. Retoque bifacial de cicatrizes conchoidais amplas; bordos laterais com retoque bifacial e bilateral, com cicatrizes conchoidais em padrão descontínuo; pedúnculo com retoque apenas na base.

Medidas:

Comprimento axial	170,00 mm
Comprimento da lâmina	155,00 mm
Comprimento do pedúnculo	15,90 mm
Largura máxima	57,05 mm
Largura do pedúnculo junto ao ombro	21,90 mm
Largura da base	17,80 mm
Espessura máxima	8,02 mm
Ângulo da ponta	56°
Peso	96g

Procedência: Rio Xingu (Carreira Comprida), encontrada pelos Juruna no século XIX.

Coleção: Henri Coudreau, 1896. Acervo do MPEG/Antropologia.

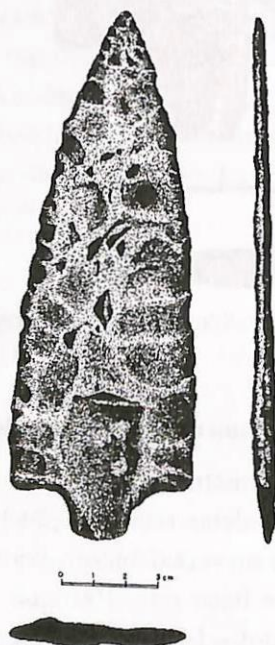


Figura 2 - Ponta de projétil de rocha vulcânica ácida, procedente do Xingu (Carreira Comprida), 1896.

3) Ponta-de-lança penduncular de quartzo (Figura 3).

Lâmina triangular assimétrica; bordos laterais levemente convexos e serrilhados; aletas côncavas, secção longitudinal biconvexa simétrica; secção transversal biconvexa assimétrica; pedúnculo contrátil trapezoidal e base reta. Retoque bifacial de cicatrizes conchoidais largos; bordos laterais com retoque bifacial e bilateral, com cicatrizes conchoidais em padrão contínuo e fino; pedúnculo com retoque nas laterais e na base.

Medidas:

Comprimento axial	190,90 mm
Comprimento da lâmina	180,00 mm
Comprimento do pedúnculo	30,00 mm
Largura máxima	73,60mm
Largura do pedúnculo junto ao ombro	20,00 mm
Largura da base	11,00 mm
Espessura máxima	10,00 mm
Ângulo da ponta	70°
Peso	172,11g

Procedência: Rio Anuá (garimpo Castelo dos Sonhos).

Coleção: particular, 08/05/1998.



Figura 3 - Ponta de lança de sílex, procedência do rio Anuá (garimpo Castelo dos Sonhos).

COMENTÁRIOS FINAIS

A antigüidade da presença humana na Amazônia vem de encontro à idéia de que existiu uma longa seqüência de desenvolvimento indígena, cuja complexidade mais tarde alcançada foi possível graças às origens e experiências locais de suas manifestações (Roosevelt 1992). Assim, muito antes das sociedades horticultoras se instalarem nas terras baixas Amazônicas, as mesmas já haviam sido percorridas e exploradas por caçadores-coletores nômades, milhares de anos antes, pelo menos desde o final do Pleistoceno (Roosevelt *et al.* 1996). Mas como isto teria acontecido? Quais processos históricos foram desencadeados, para que grupos de caçadores-coletores, inicialmente, adaptados aos recursos de savana (cerrado) (Barbosa 2002) tivessem dado origem às sociedades de floresta tropical, altamente complexas, que dominaram a Amazônia até a chegada do conquistador europeu?

Se estas questões tivessem sido apresentadas há apenas dez anos, elas seriam completamente desprovidas de fundamento teórico. Isto porque a idéia de uma ocupação precoce do homem na Amazônia, até a década de 80, ainda era considerada, no mínimo, de comprovação difícil. Sem dúvida, uma das premissas que justificava esta afirmação estava na dificuldade de acesso aos locais prováveis de ocorrência e, até mesmo, a dúvida sobre quais locais seriam esses. Entretanto, apesar de Simões já ter apresentado indícios da existência de caçadores-coletores na Amazônia, nos anos 80 ainda era comum a idéia apresentada por Schmitz de que “recursos para a sobrevivência humana parece mais ligados ao cerrado que à caatinga e à mata.” (Schmits 1984: 03). Além disto, os sítios cerâmicos, frutos das atividades de antigos horticultores, ainda exercia uma atração muito grande sobre os pesquisadores. Tanto é que as primeiras pesquisas de Roosevelt (1991) na Amazônia brasileira foram no Teso dos Bichos, em Marajó.

Somente com a descoberta da Gruta do Gavião, enfim, teve início o estudo e/ou a busca sistemática de evidências de caçadores-coletores².

² Também há dados da Amazônia Colombiana, sítios de San Isidro e Penã Rosa (Ginecco, Antiquity).

Entretanto, o avanço tem sido lento. Estudos mais completos só mesmo na caverna da Pedra Pintada em Monte Alegre (PA) e em Carajás, onde quinze sítios foram localizados e desses, até o momento, quatro bem estudados: Gruta do Gavião, Gruta do Pequiá (com 9.000 anos AP.), Gruta do Rato e Gruta da Guarita. Assim, exceto os sítios em grutas, incluindo aí a Caverna da Pedra Pintada, as pesquisas de Roosevelt e de outros pesquisadores, como Miller, sobre os caçadores-coletores na Amazônia permaneceram pontuais (Taperinha é um sambaqui fluvial e os sítios encontrados por Miller na bacia do rio Jamari em Rondônia, são a céu aberto). Mas, neste meio tempo, ocorreram algumas surpresas, como a descoberta de hematitas (minério de ferro) lascadas bipolarmente, encontradas em céu aberto no platô N1 da serra de Carajás, o que, quando devidamente estudadas, certamente oferecerão a possibilidade de novos questionamentos.

No entanto, esse quadro evidentemente incompleto parece que não vai mudar tão cedo, haja vista o interesse renovado pelos sítios dos horticultores que agora são estudados sob uma nova ótica teórica. Assim é que estudos sobre antigas aldeias no Xingu (Heckenberger 2001), no rio Negro (Neves 2001), no Marajó (Schaan 1997) e de cemitérios em Maracá (Guapindaia 2001) retomam com força total o interesse pelas sociedades ceramistas com organização sociopolítica complexa. E, com isto, acentua-se um significativo elo perdido: a origem da cerâmica na Amazônia, cuja ocorrência mais antiga, até agora, foi encontrada por Roosevelt na Caverna da Pedra Pintada e datada de 7.500 anos AP; e, especialmente, no conhecimento sobre os mais remotos meios, modos e processos de construção da complexidade histórica dessas sociedades agricultoras.

Apesar do estudo incipiente e fragmentado disponível atualmente, já temos a certeza de que a Amazônia foi habitada por caçadores-coletores não especializados, no mínimo, desde o final do Pleistoceno, talvez uns 12.000 anos atrás. Todavia, apresentar um quadro geral com tão poucos dados é sempre um risco. Porém, o risco é necessário.

Esse quadro, por outro lado, pode ser esboçado através de algumas questões: 1) Estes caçadores-coletores, até agora identificados, seriam os descendentes dos primeiros homens que chegaram à Amazônia? Ou teriam sido precedidos por uma outra população, pleistocênica, com biótipo e hábitos diferenciados? E a paisagem por eles explorada? Comporia um meio ambiente diferente do que conhecemos hoje? As práticas e costumes tradicionais das populações horticultoras posteriores teriam sido o resultado da evolução das experiências dessas populações milenarmente ancestrais, ou teriam sido fruto de influências externas mais complexas ou de comportamentos globais dominadores? Eles, ou alguns deles, teriam se organizado socioculturalmente, num grau de complexidade maior do que aquele atribuído, tradicionalmente, às sociedades de caçadores-coletores? E, por fim, haveria alguma relação entre os artefatos aqui apresentados com as peças líticas dos sítios de caçadores-coletores da Amazônia até agora conhecidos?

Em relação à primeira questão, pelas evidências existentes, ainda não é possível afirmar com certeza quais das hipóteses em voga é a verdadeira. Elas são duas: uma afirma que as populações “pré-históricas” pertenceriam a uma onda migratória de uma ou várias linhagens mongolóides originárias do nordeste asiático (Turner 1983; Pena *et al.* 1997; Bonatto & Salsano 1997); a outra, de que teriam havido processos de pelo menos duas migrações diferentes, nas quais as mongolóides teriam sido precedidas por uma população do final do Pleistoceno não mongoloizada, provenientes do sudeste asiático, similar à que ocupou a Austrália no Pleistoceno Superior e cujas origens mais remotas podem ser encontradas no continente africano (Neves *et al.* 1999). Esta última teoria, bem mais recente, implica também em tentarmos explicar como a população mongolóide teria substituído a negróide: pela escassez dos recursos naturais explorados pelos primeiros (megafauna)? Por um processo de mongoloização da população original? Pela absorção genética feita por uma população mongolóide maior? Por conflitos interraciais? Pelo desenvolvimento de estratégias

mais eficientes de exploração dos recursos, da nova realidade ambiental que se formava? Um pouco de tudo isto? Enfim, muita coisa ainda precisa ser explicada.

Porém, independente de qualquer uma destas hipóteses apresentadas, a verdade é que os caçadores-coletores dos sítios conhecidos já estavam perfeitamente adaptados à floresta tropical e apresentavam hábitos que parecem ter sofrido aperfeiçoamentos, mais tarde elaborados por sociedades horticultoras.

Mas a entrada do homem na Amazônia vem de encontro, parcialmente, com a afirmação de Schmitz apresentada em parágrafo anterior. Estudos publicados recentemente (Barbosa 2002) apresentam uma hipótese plausível a respeito. Segundo o autor, os primeiros conquistadores teriam chegado à Amazônia através das áreas abertas, representadas especialmente pelos cerrados que cobriam seus baixos chapadões, ainda no Pleistoceno Superior. Na ocasião, o clima na Amazônia era menos úmido e menos quente. Com o aumento da umidade e do calor, as florestas retomam parte do espaço ocupado por cerrados e outros ecossistemas. Isto representou, por exemplo, o confinamento dos cerrados nas áreas onde o solo era mais pobre em nutrientes. Por isto, as paisagens amazônicas onde hoje encontramos o sistema de cerrado ou elementos típicos do mesmo, indicam que elas, além de originais, não teriam sofrido modificações significativas em suas características fundamentais, nem mesmo durante as oscilações climáticas registradas entre o final do Pleistoceno e início do Holoceno. Deste modo, seria justamente nessas paisagens que encontraríamos os sítios arqueológicos mais antigos da Amazônia, visto elas terem sido a referência e o caminho natural dos seus primeiros habitantes. E não por coincidência, as datações mais antigas para a presença humana na Amazônia são justamente provenientes de áreas onde existem elementos de cerrado, incluídas aí as datações dos sítios em grutas de Carajás, localizados nas bordas dos platôs cobertos por uma vegetação de canga, onde sobressaem espécimes de cerrado e de caatinga e da Caverna da

Pedra Pintada, no baixo Amazonas, em cujo local também predomina uma vegetação de características semelhantes ao cerrado.

Paralelamente aos corredores pleistocênicos de cerrado dos baixos chapadões amazônicos, a floresta também já estava instalada nas áreas de maior umidade, como nas margens dos rios e nas áreas de solo mais rico em nutrientes. Assim, essas florestas também constituíam paisagens originais que, com o advento das condições mais úmidas e favoráveis do Holoceno, expandiram-se sobre as coberturas vegetais típicas de climas mais secos. Isto ocorreu, sobretudo, naquelas áreas onde o solo era favorável, mas que nos quais, até então, predominavam coberturas de cerrado. Em síntese, pode-se dizer que todo lugar onde há cerrado, sempre houve cerrado, mas nem todo lugar onde há floresta, sempre houve floresta. Com o confinamento das paisagens de cerrado, cercadas por florestas por todos os lados, tal como ocorre em Carajás, o homem foi forçado a sair do isolamento penetrando e explorando a floresta. Deste modo, foram aqueles que obtiveram sucesso neste empreendimento, que forjaram as características fundamentais das futuras culturas amazônicas.

Chegou-se a esta conclusão porque, se por um lado, estudos diversos demonstram que o Pleistoceno Superior, caracterizado pelo último estágio glacial, trouxe sensíveis modificações no quadro paisagístico da Amazônia, invertendo formas tradicionais de paisagens, refletida notadamente no quadro vegetal e na biomassa animal, criando condições para o delineamento do quadro atual, por outro, uma grande leva migratória de homens chega na região junto com essas transformações. Assim, essa população desenvolve suas práticas culturais juntamente com a consolidação da paisagem regional. Conseqüentemente, desde 12.000 anos atrás a Amazônia já teria sido conquistada por grupos humanos organizados em sociedades de caçadores-coletores que exploravam seus diferentes nichos e, em especial, os de floresta, interferindo nela quanto mais o clima se estabilizava, a conhecia e dependia de seus recursos.

Em Carajás, por exemplo, isto ficou bastante evidente, especialmente por conta da presença de plantas (*Manihot sp*, *Duck*, *Couepia*, *Copaibera*, *Hymenaea* e *Astrocaryum sp*) que podem ter sido, de algum modo, manejadas (Silveira 1995). Para tanto, o conhecimento sobre os recursos tropicais já deveria estar sendo forjado há milhares de anos. Em Carajás também ficou evidente que, independente de alterações climáticas, especialmente em relação a maior ou menor umidade do clima, a presença de recursos típicos de floresta tropical já eram explorados desde 9.000 anos antes do presente (Magalhães 1998). Portanto, parece que, ainda que tenham ocorrido mudanças climáticas, pelo menos desde esse período elas não foram significativas. A paisagem explorada por essas populações de caçadores-coletores do Holoceno inicial, enfim, teria sido tropical e não se diferenciaria muito daquela que conhecemos hoje, exceto pela maior extensão das áreas cobertas de cerrado que foram, paulatinamente, sendo substituídas por florestas.

Estudos recentes têm mostrado que bem antes das sociedades agricultoras, os homens construíram diferenças sociais através de formas de exclusão e da formação de hierarquias sócio-políticas nas etapas que antecederam a domesticação de plantas (Andrade Lima 2000). Com isto, idéias de sedentarismo, desigualdade social, trabalho especializado, trocas a longas distâncias, arte elaborada, sepultamentos diferenciados, entre outras, tradicionalmente atribuída à dicotomia entre caçadores-coletores x agricultores, perdeu significado no estudo do desenvolvimento das sociedades humanas. Por outro lado, a idéia de que só mudanças econômicas são capazes de alterar fundamentalmente a organização social e política das sociedades, vem sendo profundamente questionada (Flanagan 1989; Price & Brown 1985:6; Kelly 1991; Arnold 1996b). Conseqüentemente, o processo de diferenciação social não é um processo passivo e outros agentes de mudança precisam ser levados em conta. Outros fatores, fora do ambiente e da subsistência, devem ser considerados, de modo que a mudança social provocada pelo clima, pelo ambiente, ou pelas condições externas particulares, são variáveis causais, porém remotas e indiretas (Andrade Lima 2000).

Ao transcendermos essas perspectivas encontramos fortes indícios que sugerem que algumas sociedades de caçadores-coletores, tais como as de Carajás (Magalhães 1998), parecem ter reunido, ao longo dos tempos, condições particulares para desenvolver formas mais complexas de organização, perfeitamente inteiradas à Amazônia. Segundo a abordagem cognitiva, as causas ambientais, tecnológicas ou demográficas são dependentes de relações sociais. Estas, por sua vez, implicam num processo de longa duração de amadurecimento da consciência, que por motivos diversos associados, desencadeiam a mudança, não só da organização social, como também política e até cosmogâmica. O crescimento populacional, por exemplo, mais que uma variável causal, é tido como um resultado da organização econômica e política (Creamer 1996:91) de experiências acumuladas durante a construção dos seus processos históricos. E a pressão demográfica pode ser entendida como consequência de uma série de causas, as mais importantes das quais são as relações de produção (Price & Brown 1985).

Tudo indica, por outro lado, que os costumes e sistemas das populações indígenas horticultoras, ou melhor, agricultoras, nada mais seriam do que a resposta de práticas experimentadas e aperfeiçoadas ao longo de centenas de anos por antigos caçadores-coletores de floresta tropical. Isto inclui até o desenvolvimento tecnológico da produção de cerâmica e o processamento de raízes e tubérculos. Muito pelo contrário, as influências externas teriam sido filtradas e adaptadas a um sistema próprio para a floresta tropical, que a população ancestral nativa há muito já havia consagrado como importante fonte de recursos, através de suas práticas econômicas e sociais.

Entretanto, tudo que sabemos até agora sobre a cultura material dos caçadores-coletores da Amazônia não apresenta relação com os artefatos aqui apresentados. Por isso, eles mereceram esta atenção especial, principalmente para mostrar o quanto ainda precisamos conhecer.

Mas se nada sabemos desses artefatos na Amazônia, em outras regiões do Brasil e da América do Sul existem ocorrências já bastante estudadas, que apresentam traços tecnológicos semelhantes. Essas evidências têm sido identificadas desde os anos 60. Elas ocorrem no Equador, no Peru, na Venezuela, na Guiana, na Amazônia colombiana (sítios San Isidro e Peña Rosa), no Rio Grande do Sul, em Santa Catarina, no Paraná, em São Paulo, em Minas Gerais, em Goiás, na Bahia e no Piauí. Elas apresentam datações diversas, dentro de um horizonte entre 12.770 anos AP. (Fase Ibicuí – Rio Grande do Sul) ou 10.800 anos AP. (Complexo Paiján – Peru, para pontas pedunculadas semelhantes), até uns 5.000 anos atrás, na qual existem várias ocorrências em diferentes lugares do Brasil e do continente (Simões 1976; Schobinger 1988; Schmitz 1999). Assim, tudo parece indicar que houve contemporaneidade entre aqueles que produziram essas pontas pedunculadas e aqueles que produziram as pré-pontas de Carajás³ e Caverna da Pedra Pintada. Mas o que isto representa? Tentar responder esta pergunta é entrar no reino da especulação, por isso, o melhor é esperar que alguma peça seja encontrada dentro de um contexto que finalmente possa ser estudado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE LIMA, T. 2000. Em busca dos frutos do mar: os pescadores/coletores do litoral centro-meridional brasileiro. *Revista USP*, Dossiê Antes de Cabral: Arqueologia Brasileira, v.2. São Paulo, Universidade de São Paulo, p. 270-327.
- ARNOLD, J.E. 1996b. Organizational transformation: power and labor among complex hunter-gatherers and other Intermediate Societies. In: ARNOLD, J. (ed.). *Emergent Complexity: the evolution of Intermediate Societies*. Ann Arbor. (International Monographs in Prehistory)

³ No material lítico de Carajás não houve, na verdade, nem mesmo a caracterização de uma pré-ponta, tal a simplicidade e funcionalidade da técnica empregada (bipolar) sobre a matéria-prima utilizada (quartzo).

- BARBOSA, A.S. 2002. *Andarilhos da claridade: os primeiros habitantes do cerrado*. Goiânia, Universidade Católica de Goiás.
- BONATTO, S.L. & M.SALZANO, A. F.1997. Single and early migration for peopling of the Americas supported by Mitochondrial DNA sequence data. *Proc. Natl. Acad. Sci.* , 94:1866-1871.
- BROWN, J.A. & PRICE, T.D. 1985. Complex Hunter-Gatherers: retrospect and prospect. In: PRICE, T.D. & BROWN, J.A. (eds.). *Prehistoric Hunter-Gatherers: the emergence of cultural complexity*. New York, Academic Press.
- CREAMER, W. 1996. Developing complexity in the American Southwest: a model for the Rio Grande Valley. In: ARNOLD, J. (ed.). *Emergent Complexity: the evolution of Intermediate Societies*. Ann Arbor, p. 91-106. (International Monographs in Prehistory).
- FLANAGAN, J.C. 1989. Hierarchy in Simple "Egalitarian" Societies. *Ann. Rev. Anthropol.*, 18: 245-66.
- GUAPINDAIA, V. 2001. Encountering the ancestor: the Maraça Urns. In: LOLIN, M.; BARRETO, C. & NEVES, E. (orgs.). *Unknown Amazon*. London, The British Museum Press.
- HECKENBERGER, M. 2001. Estrutura, história e transformação: a cultura xinguana na longue durée, 1000-2000 D.C. In: FRANCHETTO, B. & HECKENBERGER, M. (orgs.). *Os povos do Alto Xingu*. Rio de Janeiro, UFRJ.
- KELLY, R.L. 1991. Sedentism, sociopolitical inequality, and resource fluctuations. In: GREGG, S.A. (ed.). *Between Band and States*. Carbondale, Southern Illinois University/Center for Archaeological Investigations, p. 135-58. (Occasional Papers 9).
- LOPES, D.F. & HILBERT, K. 1989. *Salvamento arqueológico em Carajás (PA) - PA-AT-69: Gruta do Gavião*. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi. Relatório de pesquisa.
- MAGALHÃES, M.P. 1994. *Arqueologia de Carajás*. Rio de Janeiro, Companhia Vale do Rio Doce.
- MAGALHÃES, M.P. 1998. *A phýsis da origem*. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Tese de doutorado.
- MILLER, E. et al. 1992. *Arqueologia nos empreendimentos hidroelétricos da Eletronorte: reesultados preliminares*. Brasília, Eletronorte.

- NEVES, E. 2001. Indigenous historical trajectories in the upper Rio Negro Basin. In: LOLIN, M.; BARRETO, C. & NEVES, E. (orgs.). *Unknown Amazon*. London, The British Museum Press.
- NEVES, W.A. & POWELL, J. et al. 1999. Afinidades biológicas extra-continentales de los dos esqueletos más antiguos de América: implicaciones para el poblamiento del Nuevo Mundo. *Antropol. Fís. Latinoam.*, 2, t.22.
- PENA, S.D.J.; CARVALHO-SILVA, D.R. & SANTOS, F.R. 1997. O povoamento da América à luz da morfologia craniana. *Revista USP*, São Paulo, 34:96-105.
- ROOSEVELT, A.C.; MACHADO, C.L.; MICHAB, M.; MERCIER, N.; SILVEIRA, M.I.; HANDERSON, A.; SILVA, J. & RESSE, D.S. 1996. Paleoindian Cave Dwellers in the Amazon: the Peopling of the Americas. *Science*, 272: 373-384. apr. 19.
- ROOSEVELT, A.C. 1991. *Moundbuilders of the Amazon: Geophysical Archaeology on Marajó Island, Brasil*. San Diego, Academic Press.
- ROOSEVELT, A.C. 1992. Arqueologia da Amazônia. In: CUNHA, M.C. (org.). *História dos Índios do Brasil*. São Paulo, EDUSP, p. 53-86.
- SCHAAN, D.P. 1997. *A Linguagem Iconográfica da Cerâmica Marajoara*. Porto Alegre, EDIPUCRS.
- SCHMITZ, P.I. 1984. *Caçadores-Coletores da Pré-História do Brasil*. São Leopoldo, Instituto Anchieta de Pesquisa/UNISINOS.
- SCHMITZ, P.I. 1999. Os mais antigos caçadores-coletores do Sul do Brasil. In: TENÓRIO, T.C. *Pré-história da Terra Brasilis*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, p. 89-100.
- SCHOBINGER, S. 1988. *Prehistoria de Sudamerica: culturas preceramicas*. Madrid, Alianza Editorial.
- SIMÕES, M.F. 1976. *Nota sobre duas pontas-de-projétil da Bacia do Tapajós*. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi, Nova Série, Antropol.*, 62. jan.
- SILVEIRA, M.I. 1995. *Estudos sobre estratégias de subsistência de caçadores-coletores pré-históricos do sítio Gruta do Gavião, Carajás/PA*. São Paulo, Universidade de São Paulo. Dissertação de mestrado.
- TURNER, C.G. 1983. Dental evidence for the peopling of the Americas. In: SHUTLER Jr., R. (ed.). *Early Man in the New World*. Beverly Hills, Sge Publications, p. 147-157.

Recebido em: 26.04.02
Aprovado em: 07.08.02